

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal em Realidade Alternativa: quando a urgência morre à espera

Publicado em 2026-01-08 20:47:13



BOX DE FACTOS

- **Contexto:** Notícias e relatos públicos recentes sobre demoras na resposta do INEM e consequências fatais.
- **Casos noticiados:** Morte no Seixal após quase três horas de espera por socorro (6 de Janeiro de 2026).
- **Outras ocorrências na mesma semana:** ECO reporta três mortes na mesma semana associadas a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

triagem, falta de meios, retenção de macas e coordenação operacional.^[2]

Portugal em Realidade

Alternativa: quando a urgência morre à espera

Há um país que vive de relatórios, médias e declarações. E há outro – o verdadeiro – onde um relógio de parede pode ser mais cruel do que um diagnóstico: porque cada minuto tem peso, temperatura e, por vezes, funeral.

O país real não se governa por conferência de imprensa. Governa-se por resposta — e resposta, na emergência médica, chama-se tempo. Quando a assistência demora entre uma e três horas, o tempo deixa de ser apenas um número: torna-se um juiz. E o juiz, quando chega tarde, já não julga — assina óbitos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

sensação de que, do lado do poder, se vive numa espécie de país “bilha”: um Portugal de gabinete, onde tudo é “monitorizado”, “avaliado”, “em articulação”, “em revisão”. Um Portugal onde a palavra “amanhã” é sempre uma promessa vaga, e nunca um compromisso com sangue e osso.

E quando um responsável não consegue explicar com segurança, simplicidade e rigor como se garante a resposta de emergência — nem assegurar aos cidadãos que a repetição imediata será evitada — o problema deixa de ser comunicação. Passa a ser governação: porque governar é, antes de tudo, saber como funciona o motor quando o carro está a arder.

O país real: o relógio, a chamada e o silêncio

Um homem de 78 anos morreu no Seixal depois de quase três horas à espera de socorro — um caso noticiado com detalhe, com “fita do tempo”, com prioridades, com intervalos que, vistos no papel, parecem administrativos; vistos na vida, são irreversíveis.³

E não se trata de um episódio isolado perdido na neblina das estatísticas. O ECO reportou, nesta mesma semana, outros casos fatais associados a esperas por meios de socorro — incluindo Tavira e novo caso no Seixal.⁴

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

tarde.

Quando o Estado falha no essencial, tudo o resto é retórica

Um Estado pode falhar em projectos. Pode falhar em reformas. Pode falhar em metas. Mas quando falha na resposta a uma urgência vital, falha no “contrato” mais antigo entre sociedade e poder: eu pago, eu cumpro, eu confio — e tu apareces quando a vida está por um fio.

E não: isto não se resolve com frases de espuma. “Vamos abrir um inquérito” é útil, mas não ressuscita. “Vamos auditar” é necessário, mas não chega. O cidadão não quer poesia burocrática; quer uma garantia simples: **se eu cair amanhã, alguém vem.**

A anatomia da irresponsabilidade: o país das médias

Há uma velha técnica portuguesa para anestesiar tragédias: diluí-las. Em vez de “uma pessoa morreu à espera”, diz-se “o tempo médio está dentro do esperado”. Em vez de “faltaram meios”, diz-se “a procura aumentou”. Em vez de “a cadeia falhou”, diz-se “o sistema é complexo”.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O que seria normal num país normal

Num país minimamente sério, depois de sucessivas ocorrências graves, haveria três respostas imediatas, sem teatro:

- **Transparência operacional diária:** tempos reais por região, falhas, indisponibilidades, e medidas activas no mesmo dia.
- **Comando e responsabilidade:** quem decide a triagem, quem gera a frota, quem articula com bombeiros, quem responde publicamente com factos — e não com neblina.
- **Plano de contingência “de verdade”:** reforço temporário de meios onde o risco é maior, protocolos de activação automática e redundância (porque a vida não espera pela próxima reunião).

E, sobretudo, haveria uma coisa raríssima: humildade. A humildade de dizer: “Falhámos. Aqui está o que mudou hoje. E amanhã não será igual.”

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

“está a ser acompanhado”. E há o outro Portugal — o que não tem porta giratória, nem assessor, nem tempo para esperar. E assim tudo falha e ninguém é responsabilizado. Um Portugal que, quando liga, não pede favor: pede o mínimo civilizacional.

Quando o Estado não consegue garantir o básico, não estamos perante “um problema do sector”. Estamos perante um espelho: e o espelho diz-nos, sem piedade, que a distância entre governar e administrar tornou-se abismo.

O país real não precisa de mais discursos. Precisa de presença. Precisa de resposta. Precisa de um Estado que saiba, finalmente, que Portugal não é uma bolha — é gente.

Francisco Gonçalves

Crónica crítica — escrita no país real, onde o relógio não perdoa.

Co-autoria editorial: **Augustus Veritas** (assistente IA).

Leituras base (notícias):

- RTP: Caso do Seixal e explicação do novo sistema de triagem.^[5]
- ECO: “Três mortes na mesma semana à espera do INEM”.^[6]

[leia]

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.